

**BREVE HISTÓRIA DO VOLEIBOL BRASILEIRO E A
CONTRIBUIÇÃO DA
EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ESSE ESPORTE – 1982 E 1983**

**BRIEF HISTORY OF THE BRAZILIAN VOLLEYBALL AND THE
CONTRIBUTION OF THE PHYSICAL EDUCATION FOR
THIS SPORT -1982 AND 1983**

Nelson Kautzner Marques Junior

kautzner123456789junior@gmail.com

Membro do Comitê Científico da Revista Observatorio del Deporte,
Universidad de Los Lagos, Santiago do Chile
Niterói, Rio de Janeiro,
Brasil

RESUMEN

El propósito de la revisión fue presentar la historia del voleibol brasileño y los beneficios de la educación física para este deporte entre 1982 e 1983. El artículo consta de dos capítulos que se dividen entre los años de 1982 y 1983. En cada capítulo se presentan los principales eventos sobre el voleibol brasileño y la educación física de esa nación. En conclusión, el estudio de la historia del voleibol brasileño es importante para que el estudiante comprenda cómo esta nación logró convertirse en una potencia olímpica en esta modalidad.

Palabras clave: deporte, entrenamiento, historia, rendimiento, voleibol.

ABSTRACT

The objective of the review was to present the history of the Brazilian volleyball and the benefits of physical education for this sport during 1982 and 1983. The article consists of two chapters that are divided between the years of 1982 and 1983. In each chapter are presented the main events about the Brazilian volleyball and the physical education of this nation. In conclusion, the study of the history of Brazilian volleyball is important for the student to understand how this nation became Olympic power in this modality.

Keywords: sport, training, performance, volleyball.

RESUMO

O objetivo da revisão foi apresentar a história do voleibol brasileiro e os benefícios da educação física para esse esporte no período de 1982 e 1983. O artigo é composto por dois capítulos que são divididos entre os anos de 1982 e 1983. Em cada capítulo são apresentados os principais acontecimentos sobre o voleibol brasileiro e da educação física dessa nação. Em conclusão, o estudo sobre a história do voleibol brasileiro é importante para o estudante entender como essa nação conseguiu tornar potência olímpica nessa modalidade.

Palavras chaves: esporte, treino, história, performance, voleibol.

INTRODUÇÃO

O primeiro artigo da literatura do voleibol sobre o voleibol no Brasil e o efeito da educação física brasileira nesse esporte, ou seja, os benefícios que a educação física proporcionou para o voleibol dessa nação foi escrito em 2012 por Marques Junior. Porém, após a leitura desse trabalho por um dos integrantes da comissão técnica da seleção brasileira masculina de voleibol dos anos 80 (Observação: no Brasil essa equipe é chamada de “Geração de Prata” em homenagem a medalha de prata na Olimpíada de 1984), ele recomendou a atualização de alguns conteúdos dessa revisão. Então, o artigo de 2012 foi dividido em duas revisões (Marques Junior, 2015, 2016) e o último conteúdo do trabalho de 2012 está contido nessa obra.

Esse estudo sobre a história do voleibol vai ser de 1982 e 1983, com ênfase no período tecnológico do treinamento esportivo (foi de 1973 a 1992) (Marques Junior e Tubino, 2012). Portanto, o estudo da história do esporte é fundamental para o estudante entender os acontecimentos do presente, ou seja, conhecendo o passado serve para o aluno compreender criticamente o presente (Melo, 2006). Segundo Tubino (2001), o estudo da história do esporte engloba o aspecto político, social e cultural de uma nação, sendo extremamente importante a investigação sobre esse tema. Então, estudar a história de uma modalidade é um conteúdo amplo e de extrema importância.

O ano de 1982 foi de muita expectativa para os brasileiros porque ia ser realizada a Copa do Mundo de futebol e o Brasil tinha uma boa equipe com chance de conquistar o título mundial (Assaf, 2002). Porém, uma modalidade continuava pouco conhecida por essa nação, mesmo com o excelente resultado da seleção brasileira masculina de voleibol na Copa do Mundo do Japão de 1981 (foi 3º lugar) (Marques Junior, 2015). Mas para Quadra et al. (1981) o voleibol brasileiro tinha uma grande probabilidade de ter sucesso competitivo nos anos 80 porque a partir de 1976 as seleções brasileiras começaram ter destaque nas competições internacionais. Entretanto, mesmo com a eliminação da seleção de futebol na Copa de 82 (Cardoso, 2014), o esporte brasileiro teve êxito nesse ano, no dia 8 de agosto de 1982 o nadador brasileiro Ricardo Prado foi campeão mundial no Equador na prova dos 400 metros medley com recorde mundial (4 minutos 19 segundos e 78 centésimos, Prado estava com 17 anos) (Marques Junior, 2017). Porém, o voleibol brasileiro começou a ser difundido a partir de 1982, isso ocorreu no 1º Mundialito de Voleibol masculino e feminino porque foi a 1ª vez que vários jogos foram transmitidos e ambas equipes conseguiram bons resultados (1º lugar o masculino e 2º lugar o feminino) (Bizzocchi, 2004; Marques Junior, 2012).

Esse êxito do voleibol brasileiro foi conseguido por causa de um investimento dos patrocinadores e as seleções contavam com um treinamento embasado cientificamente (Barbanti, 2001). Outro quesito que contribuiu para esse sucesso do voleibol é que o brasileiro tem vocação para jogos esportivos coletivos (Tubino, 1996). Logo, um artigo sobre a popularização do voleibol no Brasil torna importante para os envolvidos nesse esporte.

O objetivo da revisão foi apresentar a história do voleibol brasileiro e os benefícios da educação física para esse esporte no período de 1982 e 1983.

VOLEIBOL BRASILEIRO E A EDUCAÇÃO FÍSICA DO BRASIL – 1982

A preparação de 2 meses da seleção brasileira de futebol para a Copa do Mundo de 1982 foi na Toca da Raposa que era e continua ser o centro de treinamento do Cruzeiro Esporte Clube, em Belo Horizonte (BH) – BH se localiza na região sudeste do Brasil (veja em <https://www.cruzeiro.com.br/pagina/show/25>). A seleção contou com o preparador físico Gilberto Tim, durante o treino físico os atletas faziam exercícios de alongamento, musculação, corrida de velocidade de resistência de 300 metros com 8 repetições e outros trabalhos físicos (Cardoso, 2014). Provavelmente a concepção de periodização adotada pela seleção foi a periodização tradicional de Matveev que era difundida no futebol brasileiro (Marques Junior, 2012b).

Essa extenuante preparação física causou um incremento no condicionamento físico de diversos jogadores, mesmo os não dedicados a esse treinamento, o caso do capitão da seleção, Sócrates. Sócrates tinha apelido de magrão e veio a conseguir aumentar a massa muscular para aguentar os “choques” pela disputa da bola entre os jogadores em uma Copa do Mundo (Cardoso, 2014). Sua circunferência aumentou nas seguintes dimensões: torácico (98 centímetros para 104 cm), bíceps (28 cm para 30 cm), coxa (55 cm para 57 cm). A maneira de jogar da seleção era o “futebol arte”, com excelente toque de bola, principalmente no meio campo (Assaf, 2002). A seleção de futebol foi ganhando todos os jogos, mas nas quartas de final e jogando pelo empate, a equipe perdeu de 3 a 2 para a Itália e foi eliminada da disputa (isso foi em 5 de julho de 1982). Essa equipe terminou a Copa de 82 em 5º lugar, realizando um total de 15 gols e com média de 3 ± 1 gols por partida durante 5 jogos (Marques Junior, 2012c). A seleção “canarinho” (Obs.: apelido da seleção por causa da cor amarela da camisa) sofreu 6 gols – 2 a 1 na União Soviética, 4 a 1 na Escócia, 3 a 1 na Argentina e 2 a 3 para a Itália.

Apesar desse fracasso do futebol na Copa de 82, isso foi bom para o voleibol brasileiro porque a conquista que estava por vir no 1º Mundialito de Voleibol masculino e feminino ficaria em segundo plano, mas isso não aconteceu. Então, a decepção da derrota da Copa

foi esquecida pelos brasileiros. Existem diversos fatores que culminaram com o excelente resultado do voleibol brasileiro no Mundialito, um deles foi os bons resultados das seleções de voleibol nos anos 70 a 1981 e o outro foi a evolução do conhecimento científico dos treinadores brasileiros (Marques Junior, 2015, 2016).

Por exemplo, a periodização tradicional de Matveev era amplamente conhecida pelos técnicos e preparadores físicos brasileiros dos anos 70 (Oliveira, 2008). Nos anos 80, diversos professores de educação física retornaram do exterior com o título de Doutor e começou a se desenvolver a Pós-Graduação no Brasil em educação física (especialização, mestrado e doutorado), ocorrendo publicações da educação física em diversos livros científicos e em vários periódicos (Barbanti, Tricoli e Ugrinowitsch, 2004; Tubino, 1996). Um dos livros de maior sucesso era o de treinamento esportivo de Tubino (1979), onde informava todas as capacidades motoras condicionantes para serem exercitadas na preparação física do voleibol e sobre a periodização de Matveev.

Outro acontecimento importante para o esporte brasileiro foi a criação de diversos laboratórios de biomecânica nas universidades públicas no período de 1963 a 1982, tendo pareceria com a Alemanha Ocidental (Amadio e Serrão, 2004). Um dos laboratórios que contribuiu muito com o esporte brasileiro foi o CELAFISCS de São Caetano do Sul (fundado em 1974), localizado no interior de São Paulo (Matsudo, 1998).

O 1º Mundialito de Voleibol Feminino e Masculino promovido em 1982 no Brasil, no mês de setembro foi um sucesso. Durante esse evento, vários jogos foram transmitidos pela TV Record no horário nobre, com ótimo índice de audiência (Romariz e Mourão, 2016) e o estádio do Ibirapuera (São Paulo, foi realizada a disputa do feminino) e do Maracanãzinho (Rio de Janeiro, campeonato masculino) encheram de torcedores para acompanhar as duas seleções. Durante o Mundialito no Rio de Janeiro, apareceu um animador de torcida de maneira espontânea, a cada jogo ele estava com sua corneta para torcer pelo Brasil. Ele era um vendedor de roupa da loja Company, sendo batizado pela imprensa de Dartagnan.

Em 3 de setembro de 1982, no 1º Mundialito de Vôlei Feminino, o Brasil venceu a União Soviética por 3 sets a 2 e se tornou vice-campeão, e o campeão foi o Japão (Placar, 1982). Enquanto que no masculino, o sucesso no 1º Mundialito foi maior, a seleção venceu a quase imbatível União Soviética por 3 sets a 2, isso aconteceu em 25 de setembro de 1982. A União Soviética naquela ocasião era a melhor seleção do planeta, dispunha do central Savin, melhor jogador do mundo, e do levantador Zaitsev (Veja Zaitsev em <https://www.youtube.com/watch?v=4EFSIcik3dA>), o melhor do mundo nessa posição. Foi o 1º jogo oficial que o voleibol brasileiro masculino derrotou a União Soviética. Veja imagens desse jogo em <https://www.youtube.com/watch?v=6TIzPhjfBo>. O leitor também pode assistir outros jogos desse Mundialito nos confrontos entre Brasil e México (<https://www.youtube.com/watch?v=AsMjD-V5vLo>), Brasil e Coréia do Sul (<https://www.youtube.com/watch?v=3ee3NKdxhsU>) e Brasil e Bulgária (<https://www.youtube.com/watch?v=gfRbnRpfSRg>).

Além disso, o público feminino lotava o ginásio para ver os bonitos atletas de voleibol, os preferidos eram Renan (chamado de Rei) e Bernardinho (denominado de Príncipe Encantado). Montanaro era outro de preferência das mulheres. Segundo o técnico Bebeto de Freitas, eles eram os Beatles. Outro destaque que levava o público a “loucura”, era o saque “Jornada nas Estrelas”, idealizado pelo ponteiro Bernard. O “Jornada” foi um saque por baixo desenvolvido nas areias da praia de Ipanema e Copacabana. Bernard informou: “Começou como uma brincadeira de praia, quando percebi que o sol poderia representar um fator dificultador na recepção de bolas muito altas” (Bernard, 2005).

Ele resolveu aplicar esse saque no Maracanãzinho, durante o 1º Mundialito, porque os refletores do ginásio atuavam como os raios solares, interferindo na visão do atleta no ato de realizar o passe. O “Jornada nas Estrelas” atingia 25 metros de altura e descia a 70 km/h, sendo um dos responsáveis pela vitória brasileira frente a União Soviética (Marques Junior, 2016b). Esse saque foi eficaz por causa de 3 fatores: os refletores do ginásio dificultavam

os passadores em visualizar a bola, a velocidade de queda da bola era muito grande e os jogadores não tinham conhecimento de como recepcionar esse serviço.

Segundo Bernard, em entrevista concedida ao repórter Brickman da revista Placar em 1984, o teto branco do ginásio somado os refletores bem fortes dificultam a visualização da bola, o ginásio ideal é o Maracanãzinho, o Ibirapuera tem um problema, o teto é escuro, facilita dos voleibolistas observarem a bola (Veja uma reportagem sobre o saque “Jornada nas Estrelas” em <http://globo.com/rede-globo/esporte-espetacular/v/bernard-fala-sobre-o-famoso-saque-jornada-nas-estrelas-sensacao-nos-anos-80/3900823/>). Caso o leitor queira saber sobre a biomecânica e a cinesiologia desse serviço, leia em Marques Junior (2016b).

Com o passar do tempo, por volta de 1989, o “Jornada” passou a ser pouco praticado até chegar ao desuso. O repórter esportivo e grande incentivador do voleibol nos anos 80, Luciano do Valle, denominou o saque idealizado por Bernard de “Jornada nas Estrelas” porque a bola atingia uma elevada altura após o serviço (Marques Junior, 2015b).

Renan concluiu sobre o 1º Mundialito (Helena Araújo, 1982): “Percebemos que a torcida estava canalizada para nós, as angústias sofridas durante o ano”, diz. “Mas saber que o público extravasou o grito de gol contido em nossas cortadas foi a maior recompensa que poderíamos ter”. “Nós vingamos o futebol. E isso foi mais que gratificante”. Portanto, a decepção da Copa do Mundo de 1982 foi extravasada no 1º Mundialito de Voleibol. A figura 1 mostra a equipe masculina que foi campeã do 1º Mundialito.



Figura 1. Os campeões do Mundialito de 82 da esquerda para direita temos Jorjão e Brunoro (Auxiliares técnicos de camisa branca), Roberto Kattan (médico). Ainda da esquerda para direita a equipe titular com William, Xandó, Amauri, Fernandão, Renan, Bernard, Integrante da comissão técnica, técnico Bebeto e o preparador físico Paulo Rocha. Agachados da esquerda para direita temos Montanaro, Cacau (canhoto), Léo, Bernardinho, Maracanã e Rui (Extraído de <http://www.renandalzotto.com.br/>).

Caso o leitor queira saber o resultado dos jogos do 1º Mundialito feminino e masculino realizado em 1982, basta clicar no link (http://todor66.com/volleyball/Other/Women_Mundialito_1982.html e http://todor66.com/volleyball/Other/Mundialito_1982.html). Também está disponível na internet reportagens sobre o 1º Mundialito masculino de 1982 em <https://www.youtube.com/watch?v=bHMRhLA6ZAK> ou em <https://www.youtube.com/watch?v=Sr6HHkVRsjg>. Algumas atletas do voleibol feminino que fizeram parte dessa disputa foram Dulce, Ivonete, Helga, Blenda, Eliani, Regina Uchôa, Heloísa, Isabel e outras. Fotos dessas atletas pode ser consultadas em Marques Junior (2012).

Após a vitória no Mundialito, a mesma seleção masculina que competiu nessa disputa confirmou a evolução brasileira no voleibol, foi vice-campeã mundial, perdendo para União Soviética por 3 a 0 (A final ocorreu em 15 de outubro de 82) (Placar, 1982). Durante a final, os soviéticos jogavam sem vibrar, somente tocando nas mãos uns dos outros. Essa maneira de comemorar após cada ponto ou por causa de uma boa jogada causava um desânimo na seleção (Veja esse jogo em <http://www.youtube.com/watch?v=IA-RYE4ohZ8>).

Segundo Bizzocchi (2004), o voleibol brasileiro utilizou uma novidade durante o Mundial de 1982, em Buenos Aires, Argentina, foi o ataque de velocidade da linha dos 3 metros. Isso começou numa excursão da seleção masculina à União Soviética, por causa da dificuldade de enfrentar um bloqueio alto durante o ataque na rede, a seleção adotou

cortada dos 3 metros de velocidade (Barros, 1994). Outra inovação aplicada pelo voleibol brasileiro masculino no Mundial de 1982 foi o saque em suspensão (Obs.: Os 1º a sacarem foram William, Renan e Montanaro), sendo batizado pelo locutor esportivo Luciano do Valle de “Viagem ao Fundo do Mar” para diferir do “Jornada nas Estrelas” de Bernard, que ele mesmo denominou (Marques Junior, 2013).

Segundo Marques Junior (2015b), o saque com salto foi realizado pela primeira vez no fim dos anos 50 e no início dos anos 60 pelo jogador da seleção brasileira de voleibol e do Botafogo Jorginho, mas era efetuado sem passada, sendo denominado de saque pulando. Esse saque foi praticado novamente na final do brasileiro de 1981 ou 1982 por um dos três atletas que eram da seleção brasileira (Renan da Atlântica Boavista do Rio de Janeiro, William e Montanaro da Pirelli de Santo André, São Paulo).

Segundo Montanaro, na final do brasileiro de 81 ou 82, o locutor esportivo Luciano do Valle deu o nome para o saque em suspensão durante a transmissão pela televisão de “Viagem ao Fundo do Mar” e para o saque por baixo de Bernard de “Jornada nas Estrelas” (Band Sports, 24 de abril de 2014). Luciano do Valle nomeou o saque em suspensão de “Viagem ao Fundo do Mar” baseado em uma reportagem de uma revista que Montanaro falava sobre o mergulho submarino, atividade que esse ex-atleta ainda gosta. Porém, existem versões na literatura do voleibol que o idealizador do saque em suspensão foi Renan – veja em <https://saidaderede.blogosfera.uol.com.br/2017/06/14/saque-viagem-a-ideia-de-renan-dal-zotto-que-inovou-o-volei/>.

Mas como esse saque começou a ser praticado? Não é sabido, mas uma das versões um dos criadores informou: Segundo Montanaro, um dos ponteiros da “Geração de Prata”, em entrevista concedida ao programa Clássicos BandSports, em 6 de janeiro de 2005, o saque em suspensão começou da seguinte forma: “Eu, Renan, William e outros companheiros da seleção, ficávamos após o treino brincando de realizar cortadas dos 3 metros, dos 4 metros

até que chegamos um dia na linha dos 9 metros, a de saque”. “A disputa consistia no maior número de acertos em cada linha de ataque”. O técnico Bebeto de Freitas, vendo aquela competição sugeriu: “Porque vocês não passam a treinar essa cortada como saque?” “Gostamos da ideia e começamos a treinar”. “A partir desse momento nasceu o saque em suspensão, popularizado por todo o mundo, sendo o 1º ataque no jogo de voleibol” (Veja uma reportagem sobre esse saque em http://www.youtube.com/watch?v=5_c74Ympisk ou em https://www.youtube.com/watch?v=X1m0Kx_hR3I).

O voleibol feminino não teve a mesma atuação do 1º Mundialito, no Mundial (Obs.: Ambas disputas foram em 1982) ficou em 8º lugar, merecendo mais treino e intercâmbio para chegar no nível da China (1º lugar), Peru (2º lugar) e Estados Unidos (3º lugar).

VOLEIBOL BRASILEIRO E A EDUCAÇÃO FÍSICA DO BRASIL – 1983

Em 1983, o destaque do voleibol brasileiro ficou por conta do masculino. No dia 26 de julho aconteceu o jogo entre Brasil e União Soviética, onde ocorreu recorde de público em uma partida de voleibol (95.881 pessoas), o jogo foi realizado no Maracanã (Placar, 1983). Às 19 horas começou a chover, mas o público chegava cada vez mais, porém, não era possível determinar se a partida ia ser realizada. A chuva parou às 21 horas e 49 minutos, os soviéticos, várias vezes campeões mundiais e olímpicos, mostraram um grande espírito esportivo, enxugavam a quadra com rodo e pano. Os brasileiros imediatamente ajudaram os soviéticos. O técnico Platonov da União Soviética aceitava jogar até com chuva, desde que não houvesse risco para os atletas. Após secar a quadra, a partida começa, a União Soviética fez 4 a 0, mas logo voltou a chover. Era impossível praticar voleibol no chão liso do tablado que foi construído no meio do campo do Maracanã (Placar, 1983).

Quando os organizadores iam anunciar a suspensão da partida, o técnico da União Soviética teve uma ideia (Placar, 1983): “Vamos colocar sobre a quadra os tapetes de lã que nós utilizamos como caminho do vestiário até a quadra”. Imediatamente todos atletas aceitaram

a sugestão de Platonov, a marcação da quadra foi improvisada com fita crepe. Às 22 horas e 49 minutos, a partida começou, o público foi ao delírio, os atletas tinham a meta de jogar apenas alguns sets, mas foram realizados 4 sets espetaculares, com vitória brasileira de 3 sets a 1 (14/16, 16/14, 15/7 e 15/10).

Entretanto, um dado merece registro, para assistir um jogo de voleibol no Maracanã não é muito bom porque a partida fica muito distante da visão do público, não dando para acompanhar direito os lances do jogo. Somente de binóculo pode-se observar bem o voleibol. Essas afirmações são baseadas no autor do artigo, ele esteve presente nessa festa. O leitor pode saber mais sobre esse jogo nos seguintes links:

<https://www.youtube.com/watch?v=MB69L1OsiTw>, <https://www.youtube.com/watch?v=0-cPCOKBa50>, <https://www.youtube.com/watch?v=-kKnOO1H104> e <https://www.youtube.com/watch?v=mNqku25ef8s>.

Em 31 de julho de 1983, a “Geração de Prata” derrotou a Argentina no ginásio do Corinthians, em São Paulo, pelo Sul-Americano, mostrando que a seleção masculina estava bem preparada para o Pan-Americano e com meta de obter a primeira medalha olímpica (Serapicos, 1983). A figura 2 apresenta os campeões Sul-Americanos de 1983 através do pôster da Revista Placar de 1983.



Figura 2. Em pé da esquerda para direita temos Paulo Rocha (preparador físico), os oito titulares da seleção com Bernard, Xandó, Amauri, Badá, Renan, William (Obs.: o oitavo titular era Montanaro, estando sentado), Bebeto (técnico), Brunoro (auxiliar técnico) e Roberto Kattan (médico). Sentado da esquerda para direita temos Marcus Vinícius, Bernardinho, Montanaro, Ronaldo, Rui, integrante da comissão técnica e Jorjão (auxiliar técnico).

Outro momento emocionante do voleibol masculino foi no Pan-Americano de Caracas na Venezuela, em 1983. A final foi entre Brasil e Cuba, aconteceu no dia 27 de agosto de 1983 (Placar, 1983b). A seleção brasileira perdeu o 1º set, mas se recuperou e venceu os outros três. O grande nome do jogo foi Badalhoca (o Badá), com seu ataque na ponta ou da linha dos 3 metros foi o principal responsável pela vitória brasileira. Badá, como é chamado pelos colegas, se superou, minutos antes da final sua presença era incerta, estava com graves problemas no joelho (Obs.: Os problemas de joelho do Badá foram até o fim da carreira), passou o dia inteiro na fisioterapia, mas mostrou alto poder de superação durante a partida.

A partida foi tão emocionante, que diversos funcionários da TV Record vibraram com os jogadores, ou seja, saltaram, se abraçaram, pareciam que eles tinham acabado de jogar. Isso contagiou o telespectador, por exemplo, algumas pessoas “soltaram” foguetes para comemorar o título Pan-Americano de voleibol – isso foi evidenciado pelo autor quando

estava em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, no momento das suas férias, fato ainda não visto no Brasil, aos poucos, o voleibol começava a se tornar o 2º esporte do brasileiro.

O levantador e capitão William, contou os detalhes da disputa: “Entramos para o sacrifício”, lembrou com a voz embargada pela emoção e rouca de tanto gritar, por causa dos incentivos durante a partida (Placar, 1983b). “Badá, Fernandão, Xandó, Bernard e eu estávamos fisicamente estourados. Mas fomos para o pau, fomos para ganhar”. A medalha de ouro, a vitória era a única coisa que poderíamos aceitar.” O auxiliar técnico Brunoro completou: “As vezes penso que essa seleção exagera na raça”. “Com tanta técnica, talvez nem precisasse de garra”. A equipe titular campeã Pan-Americana em 1983 era composta por Bernard, Renan, Xandó, Amauri, Fernandão e William. Badá era um dos titulares, mas estava no banco, entrou na partida e foi o grande responsável pela vitória da seleção masculina. Os reservas eram Rui, Marcus Vinícius, Maracanã, Ronaldo e Bernardinho (Veja uma reportagem sobre essa disputa em https://www.youtube.com/watch?v=lx6_zItMOBo).

O preparador físico da seleção brasileira masculina com o intuito de conquistar a 1ª medalha olímpica planejou o treino físico para a Olimpíada de 1984. O artigo de Rocha (1983) nos mostrou que o treino físico do voleibol brasileiro evoluiu com o avanço da educação física porque a periodização estava muito atualizada para época. O treino físico foi estruturado através da periodização de Matveev. Todos os parâmetros relevantes para o treino físico foram estabelecidos, tendo estreita ligação com a fisiologia do exercício, sendo o seguinte:

- O 1º parâmetro consistiu em preparar a seleção masculina para um jogo de 2 horas e 45 minutos, duração média de 5 sets, levando em consideração o tempo de cada set, 45 minutos.

- O **2º parâmetro** foi baseado no tempo médio de bola em jogo, cada set era de 15 minutos.
- O **3º parâmetro** foi determinar o número de saltos em uma partida, 30 por set, dando um total de 150 saltos por partida.
- O **4º parâmetro** o objetivo era aumentar o salto vertical da seleção no ataque, embora essa variável já tenha melhorado 5 cm da Olimpíada de 80 para o Pan-americano de 83 (Olimpíada de 76 com 84 centímetros – 7º lugar, Olimpíada de 80 com 84 cm – 5º lugar e Pan-Americano de 83 com 89 cm – 1º lugar). O aumento do salto vertical era importante porque a seleção tinha baixa estatura, quando comparada com as principais potências (União Soviética, Bulgária, Tchecoslováquia etc). Saltando bastante, conseqüentemente facilitaria o ataque e o bloqueio.

Porém, mesmo com a evolução do 4º parâmetro, a seleção masculina continuava com menor salto vertical no ataque (Marques Junior, 2005) porque na União Soviética para um atleta ser selecionado para a seleção precisava saltar no mínimo 90 cm (Barros Júnior, 1979). Por esse motivo o central soviético Savin, que era o melhor jogador do mundo, pulava 1 metro ou mais (Marques Junior, 2019). Cuba que seguia a escola soviética do treinamento esportivo também dispunha do salto no ataque mais elevado do que o Brasil, com $91,1 \pm 5,57$ cm (Quadra et al., 1981). Entretanto, cinco jogadores brasileiros tinham a impulsão no ataque igual ou superior a 95 cm, sendo Bernard, Badá, Renan, Rui (reserva) e Xandó (Rocha, 1983). Então, o treinamento estava no caminho certo porque quatro desses atletas eram titulares com salto vertical conforme os padrões das grandes potências.

Os testes que Rocha (1983) pretendia utilizar em 1984 para avaliar os atletas antes da Olimpíada eram os seguintes: corrida de 15 minutos para estabelecer o consumo máximo de oxigênio ($VO_{2máx}$), corrida de 300 m para determinar a potência anaeróbia, quantidade de saltos em 1 minuto a 30 segundos para identificar a força rápida de resistência e a

potência de salto no sistema ATP-CP e 30 saltos para avaliar a força rápida de resistência e potência de salto glicolítico. Serão realizadas 4 avaliações físicas ao longo da temporada. Os meios e métodos da preparação física foram embasados no princípio da individualidade biológica, eles são os seguintes: corrida contínua, corrida intervalada, musculação, exercícios isométricos, salto em profundidade e alongamento. As fases do treino são baseadas na fisiologia do exercício com associação ao princípio da sobrecarga. A periodização clássica de Matveev foi dividida em 5 fases, elas são apresentadas na tabela 1.

Tabela 1. Treino físico periodizado.

Fases	Cardiopulmonar	Neuromuscular
1ª	Aeróbio	Força
2ª	Aeróbio e Anaeróbio	Força de Resistência
3ª	Aeróbio e Anaeróbio	Força Rápida de Resistência
4ª	Anaeróbio Glicolítico	Potência Láctica
5ª	Anaeróbio Aláctico	Potência Aláctica

A 1ª fase da periodização é a mais longa e mais importante, visa aumentar o $VO_{2máx}$, tentando que os atletas cheguem valores superiores a 48 a 50 ml/kg/min (Rocha, 1983). Essas informações estão de acordo com ensinamentos de Matveev (1991), o treino aeróbio é fundamental para otimizar diversas capacidades condicionantes (força, anaeróbio etc), cria pré-requisito para aumento da carga e ocasiona transferência do treino de corrida para as ações do voleibol. Entretanto, esse momento do esporte foi denominado a “Era Cooper” porque o treinamento dava muito atenção ao treino aeróbio, principalmente o de corrida contínua e esse trabalho dava base para melhorar o condicionamento físico e o aspecto técnico e tático do voleibolista (Guimarães e Matta, 2004).

Um dos motivos desse treinamento com ênfase na sessão aeróbia era o conhecimento científico dos anos 70 e 80, ele estava embasado na periodização de Matveev que tinha essa

norma, atualmente é sabido que o voleibol é um esporte intermitente e o melhor trabalho aeróbio é pelo fartlek e/ou pelo treino intervalado porque esses treinamentos reproduzem as ações do jogo (Marques Junior, 2020). Outro quesito que chama atenção na periodização de Rocha (1983) é com o aumento do $VO_{2máx}$, antigamente isso era extremamente importante para otimizar a preparação física do jogador de voleibol, mas atualmente é sabido que um $VO_{2máx}$ de 50 ml/kg/min ou pouco menos é possível do atleta ter um bom rendimento na partida (Marques Junior, 2015c). Atualmente foi comprovado que o jogo e o treino de força causam incremento no $VO_{2máx}$ e o excesso de treino aeróbio interfere na força, ou seja, pode comprometer a altura do salto vertical (Marques Junior, Arruda e Api, 2019).

A prática do treino cardiopulmonar seguiu o 5º parâmetro, a duração do rali (rali curtíssimo de 10 segundos, rali muito curto de 15 segundos e rali curto de 30 segundos), sendo utilizado principalmente nas corridas curtas. O treino cardiopulmonar foi periodizado da seguinte maneira:

Tabela 2. Meios e métodos do treino cardiopulmonar.

Fases	Cardiopulmonar	Trabalho
1ª	Aeróbio	Corrida Contínua (grama, areia, asfalto e terra)
2ª	Aeróbio e Anaeróbio	Corrida Contínua (asfalto e morro) Subir Correndo a Arquibancada
3ª	Aeróbio e Anaeróbio	Corrida Intervalada (1200 m, 1600 m e 2000 m)
4ª	Anaeróbio Glicolítico	Corrida Intervalada (400 m e 800 m)
5ª	Anaeróbio Aláctico	Corrida Intervalada (50 m, 100 m e 200 m)

A musculação seguiu os ensinamentos de Verkhoshanski (1993), trabalhar com pesos simulando o gesto esportivo, mas todo o treino foi elaborado através do circuito, visando aumentar a massa corporal magra. Segundo Rocha (1983), a previsão da periodização do treino físico para 1984 era a seguinte: 28 semanas de treino, sendo 45 sessões de

musculação e 96 sessões de corrida, sem considerar alguns tipos de treino (alongamento, treino técnico e físico, treino técnico, treino situacional e treino de jogo).

A descrição desse treino mostra como o treinamento esportivo evoluiu no decorrer dos anos no nosso país, nesse estudo o voleibol. Atualmente o principal treino condicionante é a musculação e o trabalho cardiopulmonar é através do treino com bola ou pelo treino intervalado de velocidade ou de velocidade de resistência (Marques Junior, 2020b), porém, esse era o conhecimento científico da época, estando baseado na periodização de Matveev (1977). O que chamou atenção no treino físico da “Geração de Prata” foi a preparação física elaborada por Rocha (1983), estava muito embasada cientificamente.

O trabalho de longo prazo de 6 anos – 1975 a 1980, resultou principalmente para o voleibol masculino, nas primeiras conquistas em 1981, vindo se concretizar em 1982 e 1983 com mais títulos.

CONCLUSÕES

Os anos 60 e 70 (20 anos) foram preparatórios para o voleibol brasileiro masculino atingir resultados expressivos nos anos 80. É datado como o início dos títulos do voleibol masculino do Brasil através do 5º lugar nos Jogos Olímpicos de 1980. A partir de 1981 a 1983 a seleção masculina esteve entre os três primeiros colocados nas principais disputas dessa modalidade. Enquanto que o feminino esteve em um processo de preparação, ficando poucas vezes no pódio. Em conclusão, o estudo sobre a história do voleibol brasileiro é importante para o estudante entender como essa nação conseguiu tornar potência olímpica nessa modalidade.

REFERÊNCIAS

- Amadio, A., e Serrão, J. (2004). Biomecânica: trajetória e consolidação de uma disciplina acadêmica. *Revista Paulista de Educação Física*, 18(especial), 45-54.
- Assaf, R. (2002). *Banho de bola*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Barbanti, V. (2001). *Treinamento físico: bases científicas*. 3ª ed. São Paulo: CLR Balieiro.
- Barbanti, V., Tricoli, V., e Ugrinowitsch, C. (2004). Relevância do conhecimento científico na prática do treinamento físico. *Revista Paulista de Educação Física*, 18(especial), 101-109.
- Barros, J. (1994). *Voleibol moderno: sistema defensivo*. Rio de Janeiro: GPS.
- Barros Júnior, A. (1979). *Volibol*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Bernard, R. (2005). O Jornada popularizou o vôlei. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 de maio.
- Bizzocchi, C. (2004). *O voleibol de alto nível*. 2ª ed. Barueri: Manole.
- Brickman, C. (1984). O vendedor de seguros mais bem pago do país - Bernard. *Placar*, 4(728), 37-40.
- Cardoso, T. (2014). *Sócrates*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Guimarães, G., e Matta, P. (2004). Uma história comentada da transformação do voleibol: do jogo ao desporto espetáculo. *Revista de Educação Física*, -(128), 79-88.
- Helena Araújo, M. (1982). Renan, do vôlei. Palmas para os heróis da temporada. *Placar*, -(-), 63.
- Marques Junior, N. (2005). Testes para o jogador de voleibol. *Revista Mineira de Educação Física*, 13(1), 130-174.
- Marques Junior, N. (2012). História do voleibol no Brasil e o efeito da evolução científica da educação física brasileira nesse esporte. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 17(170), 1-29.

Marques Junior, N. (2012b). Periodização do treino. *Educação Física em Revista*, 6(2), 1-34.

Marques Junior, N. (2012c). Gols e partidas da Copa do Mundo do futebol, 1930 a 2010. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 15(166), 1-6.

Marques Junior, N. (2012d). Medalhas nos Jogos Olímpicos: estatura das seleções do voleibol brasileiro. *Lecturas: Educación Física y deportes*, 17(172), 1-10.

Marques Junior, N. (2013). Sugestão do saque tipo tênis com gyaku zuki do karatê shotokan. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 18(185), 1-16.

Marques Junior, N. (2015). História do voleibol no Brasil e o efeito da evolução científica da educação física brasileira nesse esporte. Um estudo com o conteúdo revisado e ampliado. Parte 1. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 20(204), 1-22.

Marques Junior, N. (2015b). Predição da pontuação do atacante oposto do voleibol masculino. *Revista Observatorio del Deporte*, 1(4), 139-147.

Marques Junior, N. (2015c). A contribuição norte-americana para o voleibol. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 20(203), 1-11.

Marques Junior, N. (2016). História do voleibol no Brasil e o efeito da evolução científica da educação física brasileira nesse esporte. Um estudo com o conteúdo revisado e ampliado. Parte 2. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 21(215), 1-13.

Marques Junior, N. (2016b). Análise biomecânica e cinesiológica do saque “Jornada nas Estrelas”. *Revista Observatorio del Deporte*, 2(3), 69-82.

Marques Junior, N. (2017). Carga de treino do esporte de alto rendimento: revisitando o conteúdo. *Revista Europa del Este Unida*, -(3), 42-74.

Marques Junior, N. (2019). Vertical jump of the male volleyball player during the years of 1970 to 2016 – indoor and sand double: a systematic review and meta-analysis. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, 13(87), 1141-1170.

Marques Junior, N. (2020). Specificity principle applied in the volleyball. *MOJ Sports Medicine*, 4(1), 13-15.

Marques Junior, N. (2020b). Specific periodization for the volleyball: the importance of the residual training effects. *MOJ Sports Medicine*, 4(1), 4-11.

Marques Junior, N. (2020c). Periodization models used in the current sport. *MOJ Sports Medicine*, 4(2), 27-34.

Marques Junior, N., e Tubino, M. (2012). Períodos do treinamento esportivo: uma análise sobre o voleibol brasileiro masculino de alto nível durante o Mundial e a Olimpíada, 1956 a 2010. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 16(165), 1-9.

Marques Junior, N., Arruda, D., e Api, G. (2019). Periodização tradicional no voleibol. *Revista Con-Ciencias del Deporte*, 1(2), 31-55.

Matsudo, V. (1998). *Testes em ciências do esporte*. 6ª ed. São Caetano do Sul: CELAFISCS.

Matveev, L. (1977). *Periodización del entrenamiento deportivo*. Madrid: INEF.

Matveev, L. (1991). *Fundamentos do treino desportivo*. 2ª ed. Lisboa: Horizonte.

Melo, V. (2006). *História da educação física e do esporte no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Ibrasa.

Oliveira, P. (2008). *Periodização contemporânea do treinamento desportivo*. São Paulo: Phorte.

Placar (1982). *Um ano de emoções*, -(-), 108-110.

Placar (1983). *Cenas de uma noite histórica*, -(-), -.

Placar (1983b). *Os novos heróis brasileiros*, -(-), -.

Quadra, J., Pinto, C., Wilton, A., Carvalho, A., e Ottoni, T. (1981). O voleibol do Brasil. *Revista de Educação Física*, 111(-), 43-46.

Rocha, P. (1983). Preparação física da seleção brasileira masculina de voleibol. *Sprint*, 2(7), 15-17.

Romariz, S., e Mourão, L. (2006). A história do voleibol contada por jogadores de seleção brasileira no período de 1958 a 1989. *XII Encontro Regional de História*, Rio de Janeiro.

Tubino, M. (1979). *Metodologia científica do treinamento desportivo*. São Paulo: Ibrasa.

Tubino, M. (1996). *O esporte no Brasil*. São Paulo: Ibrasa.

Tubino, M. (2001). *Dimensões sociais do esporte*. 2ª ed. São Paulo: Cortez.

Verkhoshanski, Y. (1993). Preparação de força especial. *Revista da APEF Londrina*, 7(14), 24-29.